

RUA BARÃO GERALDO DE REZENDE

Deliberação da Câmara em 31-08-1927

Editais de 12-09-1927

Formada pela antiga rua José Paulino

Início na rua José Paulino

Término na avenida Barão de Itapura

Vila Itapura

Obs.: Edital assinado pelo Vice Prefeito Municipal, em Exercício, Celso da Silveira Rezende.

BARÃO GERALDO DE REZENDE

Geraldo Ribeiro de Sousa Resende, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 19-abril-1846 e faleceu na Fazenda Santa Genebra, Campinas, a 01-outubro-1907. Era filho do Dr. Estevão Ribeiro de Resende e Ilídia Mafalda de Sousa Resende, Marquês e Marquesa de Valença. Foi casado com Maria Amélia Barbosa de Oliveira de Sousa Resende, deixando ilustre descendência. Ainda moço, transferiu residência para o município de Campinas, com o fim de se dedicar à agricultura na Fazenda Santa Genebra, antiga propriedade que pertencera a seu pai e a seu avô materno. Graças à sua iniciativa e orientação, transformou a Fazenda Santa Genebra em estabelecimento agrícola modelar, seja pela organização, como pela maquinaria e novas técnicas empregadas no cultivo das plantações. O ambiente na Santa Genebra era requintado e as maiores autoridades do país, como os mais ilustres visitantes do Brasil, eram quase que obrigados a conhecerem a propriedade do Barão Geraldo. Geraldo Ribeiro de Sousa Resende militou como político no Partido Conservador, do qual foi um dos chefes em nossa cidade, sendo eleito à Câmara Municipal no quadriênio 1883-86 e mais tarde Deputado Geral, participando do Parlamento Nacional, que precedeu à proclamação da República. Nessas funções revelou espírito público, havendo sido por diversas vezes honrado pelo Governo Imperial pa exercer o cargo elevado de Moço Fidalgo com exercício na Casa Imperial e Comendador da Ordem de Cristo. Por decreto de 20-janeiro-1889 foi-lhe concedido o título de Barão de Iporanga, que pouco depois, à pedido do próprio Barão, foi alterado por decreto de 19-junho-1889, para Barão Geraldo de Resende. Proclamada a República retirou-se da política. Foi um dos benfeitores do Liceu de Artes e Ofícios, hoje Nossa Senhora Auxiliadora, ao qual doou as terras para o estabelecimento e elevadas quantias para sua manutenção. Participou da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia de Campinas e muito favoreceu às instituições pias e religiosas desta cidade.

RUA BARÃO GERALDO DE RESENDE

GERALDO RIBEIRO DE SOUSA RESENDE, Barão de Iporanga, título êsse mudado para Barão de Geraldo de Resende.

Nasceu a 19 de abril de 1846, na cidade do Rio de Janeiro, sendo seus pais o Dr. Estevão Ribeiro de Resende, Marquês de Valença e sua mulher D. Ilídia Mafalda de Sousa Resende, Marquesa de Valença; neto paterno do Coronel Severino Ribeiro, natural de Lisboa, e de D. Leonarda Maria de Sousa, natural de Portugal, digo, natural de Minas Gerais; neto materno do Brigadeiro Luís Antonio de Sousa, natural de Portugal, e de D. Genebra de Barros Leite, natural de Itu (Silva Leme, vol. 3º, pág. 393).

Ainda moço, transferiu residência para o município de Campinas, com o fim de se dedicar à agricultura na importante Fazenda Santa Genebra, antiga e tradicional propriedade que pertencera a seu pai e a seu avô materno.

Geraldo Ribeiro de Sousa Resende casou-se a 20 de junho de 1876, no Rio de Janeiro, com sua prima em segundo grau D. Maria Amélia Barbosa de Oliveira de Sousa Resende, Baronesa Geraldo de Resende, filha do Conselheiro Dr. Albino José Barbosa de Oliveira, que foi presidente do antigo Tribunal de Justiça da Côrte e proprietário da Fazenda Rio das Pedras, em Campinas, e de sua mulher D. Isabel Augusta de Sousa Queirós Barbosa de Oliveira (Silva Leme, vol. 3º, pág. 391).

Nasceu a Baronesa Geraldo de Resende a 10 de fevereiro de 1853, no Rio de Janeiro, e faleceu a 16 de julho de 1902, em Campinas.

Militou Geraldo de Resende no antigo Partido Conservador, do qual era um dos chefes em Campinas, sendo eleito vereador à Câmara Municipal, em 1883-86 e deputado geral, participando do Parlamento Nacional que precedeu à proclamação da República.

No desempenho de suas altas funções políticas revelou sempre espírito público e notável correção.

Foi diversas vezes honrado pelo Governo Imperial, sendo nomeado Moço Fidalgo com exercício na Casa Imperial e Comendador da Imperial Ordem de Cristo.

Em atenção aos relevantes serviços prestados pelo Comendador Geraldo Ribeiro de Sousa Resende, por decreto de 20 de janeiro de 1889, S.M.I. o Sr. Dom Pedro II agraciou-o com o título de Barão de Iporanga, título êsse mudado, a seu pedido, por decreto de 19 de junho do mesmo ano, para Barão de Geraldo de Resende.

Proclamada a República, o Barão Geraldo de Resende retirou-se da política para se dedicar exclusivamente à sua vida de agricultor.

E na sua bela e importante Fazenda Santa Genebra, situada nas vizinhanças de Campinas, exerceu a nobre profissão com inteligência e critério, cultivando variados gêneros da lavoura.

Graças à sua grande iniciativa e orientação prática, tornou-se a sua propriedade agrícola modelar, em razão do que o Barão Geraldo de Resende hospedou todas as notabilidades nacionais e estrangeiras que visitavam São Paulo e desejavam conhecer a sua famosa fazenda, dispensando a todos fidalgo acolhimento.

Era ainda o ilustre titular um cidadão grandemente humanitário e caritativo.

Foi um dos maiores benfeitores do antigo Liceu de Artes e Ofícios de Campinas, atual Nossa Senhora Auxiliadora, ao qual doou terras para as necessidades do estabelecimento, auxiliando-o ainda com elevadas quantias para a sua manutenção.

Participou da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia e muito favoreceu às instituições pias e religiosas desta cidade.

Foi um verdadeiro cavalheiro, na acepção mais lídima do termo; dotado de elevados sentimentos, inteligente e culto, recebia a todos que o procuravam com encantadora simplicidade e lhanza de trato, sendo por todas essas qualidades geralmente estimado e admirado em Campinas.

Faleceu o Barão Geraldo de Resende, repentinamente, na sua Fazenda Santa Genebra, no município de Campinas, no dia 1º de outubro de 1907, deixando descendência.

Era irmão do 2º Barão de Valença, do Barão de Resende, da Condessa de Cambolás e Marquesa de Palarim, casada com o titular francês desses nomes, do Barão de Lorena e do Conselheiro Teófilo Ribeiro de Resende.

O Barão de Geraldo de Resende pertencia à antiga fidalguia brasileira e usava um brasão de armas que lhe foi concedido pelo Governo Imperial a 27 de junho de 1870, registrado no Cartório da Nobreza, no Livro VI, fls. 108.

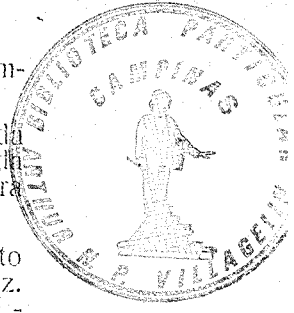
(Extraído de "Titulares do Império", de autoria de Teodoro de Souza Campos Júnior, de fls. 255 a 287, in "Monografia Histórica do Município de Campinas", edição do IBGE, 1952.)

RUA BARÃO GERALDO DE REZENDE

Denominações de ruas

Dr. Celso da Silveira Rezende, Vice-Prefeito Municipal de Campinas, em exercício, etc.

Faço publico, pelo presente, que, em virtude de deliberação da Camara, em sessão de 31 do mez findo, e de accordo com o art. 7.º da Lei n. 87, de 1902, as vias publicas abaixo mencionadas ficam d'ora avante assim denominadas:



AVENIDA JULIO MESQUITA, a parte larga da rua Augusto Cezar, comprehendida entre a rua Benjamin Constant e a Santa Cruz. (sob. n. 1, planta da Prefeitura); — RUA DR. GUILHERME DA SILVA, a rua que passa pelo canto do terreno do Bispado, chamada pelo vulgo de *Alferes Raymundo*. (sob n. 2, planta da Prefeitura); TRAVESSA IRMAOS BIERRENBACH, a rua que vae da rua Augusto Cezar á Praça 15 de Novembro. (sob n. 3, planta da Prefeitura); RUA PAULA BUENO, (Commendador Francisco de Paula Bueno) antiga estrada do Taquaral, do canal do Saneamento até o alto do Taquaral. (sob n. 5, planta da Prefeitura); RUA BARÃO GERALDO DE REZENDE, a rua denominada José Paulino, que foi bitrecada em duas, na parte que vae da bitrecação em diante, passando pela frente do Stadium do Guarany. A parte nova, continuação em linha recta da José Paulino, conservará este nome em toda a sua extensão. (sob n. 6, planta da Prefeitura); RUA DR. SILVEIRA LOPES, a rua que parte da rua Culto á Sciencia, em frente ao Gymnasio do Estado. (sob n. 7, planta da Prefeitura); RUA MARQUEZ DE TRES RIOS, a rua geralmente conhecida por travessa da Maternidade, que parte da rua Saldanha Maranhão, no Botafogo. (sob n. 8, planta da Prefeitura); RUA DO CAFE, a 1.ª travessa da Avenida São Paulo, no Botafogo. (sob n. 9, planta da Prefeitura); RUA ANTONIO GUIMARÃES (O BAHIA), a 2.ª travessa da Avenida São Paulo, e paralela á precedente (sob o n. 10, planta da Prefeitura) — RUA DR. SALUSTIANO PENTEADO, a rua paralela á Avenida São Paulo, entre esta e os trilhos da Cia. Mogyana, vulgarmente chamada rua *São José*. (sob n. 11, planta da Prefeitura); — RUA AMAIOR FLORENCE, a 3.ª travessa da Avenida São Paulo, (sob n. 12, planta da Prefeitura); — RUA DR. CESARIO MOTTA, a 4.ª travessa da Avenida São Paulo, conhecida sob a denominação de rua *Itaá*. (sob n. 13, planta da Prefeitura); — RUA DR. RODRIGO OCTAVIO, a 5.ª travessa da Avenida São Paulo, paralela á precedente e conhecida pela denominação de rua *Jandyrá*. (sob n. 14, planta da Prefeitura); — AVENIDA DR. WASHINGTON LUIS, a rua que parte da rua Mascarenhas, localizada entre as linhas das Companhias Paulista e Mogyana. (sob n. 15, planta da Prefeitura); — RUA LUIZ GAMA, a paralela á rua Germania, entre esta e os trilhos da Sorocabana (sob n. 16, planta da Prefeitura); — RUA DR. THEODORO LANGIARD, a 1.ª paralela á Germania. (sob n. 17, planta da Prefeitura); — RUA SANTANNA GOMES, a 2.ª paralela á rua do Bomfim. (sob n. 18, planta da Prefeitura); — RUA DR. ARNALDO DE CARVALHO, a rua paralela á precedente. (sob n. 19, planta da Prefeitura); — RUA DR. ALBERTO SARMENTO, a 2.ª paralela á Germania. (sob n. 20, planta da Prefeitura); — RUA RAPHAEL SALLES, a 3.ª paralela á Germania e em seguida á precedente. (sob n. 21, planta da Prefeitura); — RUA JULIO RIBEIRO, a paralela á precedente. (sob n. 22, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM VILLAC, a que sahe da rua do Bomfim, em direcção ao Asylo de Inválidos, denominada *Estrada da Roseira*. (sob n. 23, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO BENTO, a rua na Villa Industrial, paralela á rua Bella Vista, e geralmente conhecida por *Antonio Bento*. (sob n. 24, planta da Prefeitura); RUA DR. CARLOS DE CAMPOS, a rua na Villa Industrial conhecida pelo nome *Bella Vista*, (sob n. 25, planta da Prefeitura); — RUA BENEDICTO OCTAVIO, a rua conhecida pelo nome de *Alberto Dias*, travessa da rua Salles de Oliveira, entre Pereira Lima e Alferes Raymundo. (sob n. 26, planta da Prefeitura); — RUA D. MARIA SOARES, a 1.ª travessa da Salles de Oliveira e paralela á Avenida João Jorge. (sob n. 27, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO SARMENTO, a 2.ª travessa paralela á precedente. (sob n. 28, planta da Prefeitura); — RUA OSCAR LETTE, a rua que parte da Estrada Paulista (Ponte Preta), paralela á rua Abolição, em continuação á rua Barão de Jaguará. (sob n. 29, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM NOVAES, a rua que parte da rua Irmã Seraphina, fronteira á Marechal Deodoro. (sob n. 30, planta da Prefeitura); — RUA DR. CARLOS GUIMARÃES, a rua que sahe da rua Major Solon, partindo do canal do Saneamento. (sob n. 34, planta da Prefeitura); — RUA DR. SAMPAIO FERRAZ, a 1.ª rua paralela á rua dos Bandeirantes, tendo inicio na rua Cel. Quirino. (sob n. 1, planta parcial da Prefeitura); — RUA DR. EMILIO RIBAS, a 2.ª travessa da rua precedente, a partir da rua Maria Monteiro. (sob n. 3, planta parcial da Prefeitura).

E para conhecimento de todos, mandei expedir o presente edital.

Eu, Amilar Alves, secretario da Prefeitura, o escrevi.

Campinas, 12 de Setembro de 1927.

Dr. Celso da Silveira Rezende

DIÁRIO DO POVO

Campinas, 5.a feira, 13 de novembro 1975

BARÃO GERALDO

B. P. M. "Prof. E. M. Zink"

Campinas

Documentário de Campinas

JOLYMA BRITTO

Há muita gente boa e muito aluno de escola que, no momento, andam a cata de notícias, informações e dados sobre a vida do antigo titular do Império, que durante muitos anos morou em seu castelo na França, e a fazenda Santa Genebra, que fora de propriedade de um dos mais ricos homens domiciliados em Campinas por volta de 1822, possuidor do sítio Monjolinho, nome a que davam, modestamente, às vastas e imensas glebas de terras de nosso município, naquela região.

Tanto assim é que a Fazenda Santa Genebra, lembra o nome de GENEBRA de Barros Leite, natural de Itu, gleba que tem sido ultimamente retalhada em todas suas direções e ainda hoje, sua feliz proprietária d. Jandyra Pamplona de Oliveira, retém em seu poder uma área enorme das antigas sesmarias em que se constituiu essa que ficava no caminho da Monjolinho, outra propriedade da família, de herança de Luis Antonio.

Geraldo Ribeiro de Sousa Resende teve, primeiramente, o título de Barão de Iporanga, mais tarde alterado para Barão Geraldo de Resende.

Nasceu a 19 de abril de 1846 na cidade do Rio de Janeiro, sendo seus pais o dr. Estevão Ribeiro de Resende, Marquês de Valença; neto paterno do Coronel Severino Ribeiro, natural de Lisboa e de d. Leonarda Maria de Sousa, de Minas Gerais; neto materno do Brigadeiro Luis Antonio de Sousa, nascido em Portugal e de d. Genebra de Barros Leite, de Itu, sendo d. Ilia Mafalda de Sousa Resende, Marquesa de Valença, progenitora do Barão.

Ainda moço ele transferiu sua residência para o Município de Campinas, com o fim de se dedicar à agricultura na importante fazenda Santa Genebra, antiga e tradicional propriedade que pertencera a seu pai e a seu avô materno, ali, no caminho do futuro distrito.

Foi ali nas terras da Santa Genebra que ocorreu o curioso episódio do "boi que falou", que relatamos aqui nestas mesmas colunas há questão de ano, com anotações oriundas apenas na tradição oral.

Geraldo Ribeiro de Sousa Resende casou-se a 20 de junho de 1873, no Rio de Janeiro, com sua prima em segundo grau d. Maria Amélia Barbosa de Oliveira de Sousa Resende, Baronesa Geraldo de Resende, filha do Conselheiro dr. Albino José Barbosa de Oliveira, que foi presidente do antigo Tribunal de Justiça da Corte e proprietário da fazenda Rio das Pedras em Campinas, e de sua mulher d. Isabel Augusta de Sousa Queiroz Barbosa de Oliveira.

Essa propriedade agrícola ainda mantém seu velho e tradicional nome e já era assim conhecida em 1830, quando, então, os improvisados agricultores daquela época julgavam já cançadas as terras de Luis Antonio de Sousa! Ali passei muitos sábados e domingos, em companhia desse amável e graças a Deus, casal ainda vivo, que são o sr. Durval e d. Pequetita, grande parte de minha mocidade. Chiquito, filho do casal que ainda recentemente comemorou jubilosamente a passagem de suas bodas de diamante, e todos seus irmãos eram os companheiros estouvados daqueles dias que para mim amanheciam em 1922. O tempo passou.

Mas, a Baronesa Geraldo de Resende nasceu a 10 de fevereiro de 1853, no Rio de Janeiro e faleceu a 16 de julho de 1902, nesta cidade.

Uma outra nota curiosa nos lembramos, assim de relance, enquanto batucamos nossa máquina cada vez que o Conselheiro Barbosa de Oliveira vinha da Corte para descansar um pouco no Rio das Pedras, quando descia em Jundiá, antes da inauguração da estrada de ferro chamada Paulista, e agora a Pepasa, ao seu lado vinha montado em fogoso cavalo um velho escravo empunhando enorme guarda sol para que o astro rei não amorenasse a pele da ilustre personalidade, viajava ao seu lado até à Rio das Pedras.

O Barão Geraldo de Resende militou como político no antigo Partido Conservador, do qual foi um dos chefes em nossa cidade, sendo eleito à Câmara Municipal no quadriênio 1883-86 e mais tarde Deputado Geral, participando

do Parlamento Nacional que precedeu à proclamação da República.

No desempenho de suas altas funções políticas revelou continuamente o Barão espírito público e notável correção, tendo sido por diversas vezes honrado pelo Governo Imperial para exercer o cargo elevado de Moço Fidalgo, com exercício na Casa Imperial, e Comendador da Ordem de Cristo.

Em atenção aos relevantes serviços prestados pelo então Comendador Geraldo Ribeiro de Sousa Resende foi lhe concedido o título de Barão de Iporanga, por decreto de 20 de janeiro de 1869. Assinou-o S. Majestade o Senhor D. Pedro II cujo sesquicentenário de nascimento estamos comemorando este ano e culminará com a realização de um Congresso em memória ao ilustre filho de D. Pedro I, no próximo dia 2 de dezembro, data de seu aniversário natalício.

Pouco depois, à pedido do próprio Barão, era alterado, por decreto de 19 de junho do mesmo ano, o título que lhe fora concedido, passando, então, a Barão Geraldo de Resende.

Proclamada a República retirou-se o titular do Império da política para se dedicar exclusivamente à vida de agricultor.

E na sua bela e importante fazenda Santa Genebra, nas vizinhanças de Campinas, agora distrito de Barão Geraldo, exerceu sua profissão com inteligência e critério cultivando vários gêneros da lavoura.

Graças à sua grande iniciativa e orientação prática, tornou-se a sua propriedade agrícola modelar, em razão do que, Barão Geraldo hospedou todas as notabilidades nacionais e estrangeiras que visitavam São Paulo e desejavam conhecer a sua famosa fazenda, dispensando a todos fidalgo acolhimento.

Era, ainda, o ilustre cidadão grandemente humanitário e carinhoso, tendo uma filha de nome Maria Amélia que escreveu alentado volume respeito a vida de seu querido pai. E ele bem que o merecia, por todos os títulos que podem honrar a vida de um homem que viveu entre a França, em seu castelo e sua propriedade agrícola, em Campinas.

Foi um dos maiores benfeitores do antigo Liceu de Artes e Ofícios de Campinas, atual Nossa Senhora Auxiliadora, ao qual doou terras para as necessidades do estabelecimento, auxiliando-o ainda com elevadas quantias em dinheiro para, sua manutenção.

Participou da mesa administrativa da Santa Casa de Misericórdia e muito favoreceu às instituições piás e religiosas desta cidade. Foi um verdadeiro cavalheiro na aceção mais lidima do termo, dotado de elevados sentimentos, inteligente e culto, recebia a todos que o procuravam com encantadora simplicidade e lhanza de todo, sendo por todas essas qualidades, muito estimado e admirado em nossa terra.

Faleceu o Barão Geraldo de Resende repentinamente, na sua fazenda Santa Genebra, em 1.º de outubro de 1907, deixando descendência.

Esta notícia, à qual poderíamos acrescentar outras importantes informações que somente interessariam a uma sua biografia para ilustrar ainda mais o livro de d. Maria Amélia, que reputamos completo, é claro, foi copiada de um trabalho, dessa extraordinária criatura cuja linhagem jamais se deixou vergar pelos caminhos da vida, e que se chama Theodoro de Sousa Campos Júnior.

Está na Monografia Histórica do Município de Campinas, fls. 272, editada em 1952 pelo Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

O nome de Barão Geraldo ao vizinho distrito campineiro foi dado em consequência da inauguração da antiga Companhia Carril de Ferro, organizada para servir exclusivamente toda a zona da agricultura em geral do atual Município de Paulínia. Mas, essa é uma outra história que poderá ser lida no passado da velha fazenda do tempo da plantação de cana de açúcar, na História de Paulínia, de minha autoria, cujo terceiro volume deverá ser lançado ainda este ano. No momento, reviso as provas.

Campinas

Documentário de Campinas

VII

Barão Geraldo de Resende — 19/4/1847 — 1.º/10/1907

Uma filha culta e diletta, que resolveu testemunhar, de público, o caráter, os ideais e as obras de seu ilustre e preclaro pai, eternizou-o em livro.

Seu nome, Amélia de Rezende Martins, filha do extraordinário campineiro Barão Geraldo de Resende, «outro astro fulgurante na imensa constelação» de vultos de Campinas. Perdoe-me o lugar comum, mas os adjetivos aplicam-se perfeitamente ao ilustre fazendeiro e nobre. Nobre em tudo; no próprio título honorífico, no porte, nas atitudes, nos relevantes trabalhos feitos pela nossa agricultura, economia e até pelo governo da nação.

Dele nos dá, também, valioso testemunho, o escritor Pelágio Lobo, no livro várias vezes aqui citado (15):

E o escritor inicia, afirmando com entusiasmo:

«O nome do Barão Geraldo de Resende (Geraldo Ribeiro de Sousa Resende) e a sua benemerência como o maior, o mais fino, o mais completo propagandista da nossa cultura cafeeira e das excelentes qualidades das nossas terras, andam esquecidos, como tantas figuras nossas, dignas de acatamento e veneração».

Por isso é que resolvi escrever este livro: para chamar a atenção da geração atual e futura para os homens extraordinários que, mais do que ninguém, foram os responsáveis diretos pelo nome consagrado que aureolou Campinas no país e no estrangeiro.

E prossegue Pelágio Lobo:

«Acredito, mesmo, que, se numa reunião de grandes fazendeiros atuais, da casa dos quarantões, se indagar quem foi esse homem, o que fez, o que projetou, o que tentou realizar e o que

(15) — Pelágio Lobo — Obra citada.

consumiu numa luta extenuante de mais de cinqüenta anos na sua fazenda Santa Genebra, pelo renome do nosso Estado e pelos encantos da cultura cafeeira — poucos estarão habilitados a prestar informações exatas ou, mesmo, aproximadas.

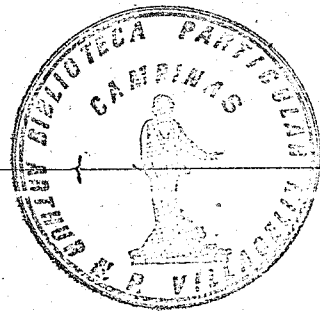
Era o Barão Geraldo de Resende, um fidalgo autêntico, fidalgo, de título, de educação de maneiras, de berço. Seu pai foi o Conde, depois Marquês de Valença, Estevão Ribeiro de Resende, um dos grandes do Império, homem de cultura, nascido em Minas Gerais, formado pela Universidade de Coimbra, magistrado em Portugal e depois no Brasil e que, tendo regressado ao nosso país, por ocasião da fuga da família real portuguesa, veio exercer a magistratura em São Paulo, depois de ocupar um posto de confiança de D. João VI num estabelecimento de lapidação de diamantes, contíguo à Casa da Moeda. Vindo a São Paulo, aqui se aproximou da família do Brigadeiro Luis Antônio e casou com uma de suas filhas, d. Elídia Mafalda, constituindo-se, por essa forma, centro de grandes e ilustres progêneses».

Volto a lembrar que o autor escreveu seus artigos na imprensa paulistana e campinense, entre 1944 e 61.

Proseguindo nos informes do escritor:

«O filho Geraldo não se formou, como o irmão Estevão, em Direito mas, como todos os seus irmãos, recebeu educação aprimorada e manteve alto os foros de nobreza de sua casa e educação, pela cultura e retidão de vida, inspirada por um sadio idealismo. Era, fisicamente, um belo exemplar humano — claro, bem composto, irrepreensivelmente trajado, já com as barbas e uns longos bigodes grisalhos, compondo-lhe uma figura de grande poder de sugestão pessoal. Poucos homens tenho conhecido com esse ar de «majestade» na figura, como que emanado natural, sem artificios, sem espaço. Tinha a voz doce e o olhar calmo que fatigado; pelo que se sabe de sua vida de tantas lutas, esse ar de maior recato em que se fechou nos últimos anos, era consequência da viveza e do desmoroamento que percebia crescente, mas incoercível, da sua fortuna, num período em que a crise do café chegou a extremos calamitosos.

Ele lutou de pé firme a «debaclé» e, mesmo presentindo o seu termo, lutou como um bravo, procurando outras fontes de renda, na atividade agrícola, das quais pudesse colher elementos para escorar a queda da «preciosa rubiácea», ou, quando menos, atenuar ou retardar seus malefícios».



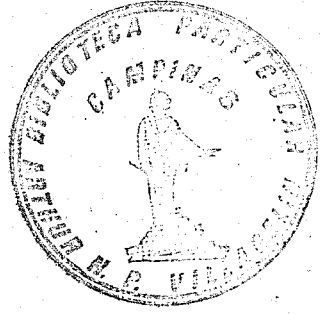
les se desenvolverem culturas de forragens, cereais, legumes e frutas. Foi o passo inicial das chamadas «granjas-modelo».

Ele libertou a maioria de seus escravos e iniciou a contração de braços livres. Como a maioria dos grandes fazendeiros, também fez política, sendo deputado geral por São Paulo em duas legislaturas.

Lembro sempre, com emoção, a frase do jovem «revolucionário» Siqueira Campos, paulista de Rio Claro: «À Pátria tudo se deve dar e nada pedir, nem mesmo compreensão!» Pois a illustre filha do Barão Geraldo de Resende, Amélia de Resende-Martins, encerrou o livro biográfico do pai com as palavras do padre Antônio Vieira — o grande pensador e orador sacro — aplicadas ao barão com inteira justeza e justiça:

«Se servistes vossa pátria e ela vos foi ingrata — fizestes o que deveis, e ela o que costuma...»

O nome do Barão Geraldo de Resende foi dado a uma rua no bairro de Botafogo, que principia na rua José Paulino, número 1.928 e termina na avenida Barão de Itapura, número 860. E há ainda o Sub-Distrito de Barão Geraldo, (na saída para Paulina) em tão grande desenvolvimento, e já vem pleiteando desmembrar-se de Campinas, para se tornar município.



A história do Barão Geraldo de Resende é longa e fascinante, e por isso devo transcrever-lhe os dados mais interessantes e em rápidas pinceladas, como tenho feito com os demais personagens.

Destaco, na exuberante e produtiva vivência do barão, seus trabalhos relevantes para a melhoria da produção do café, em sua propriedade agrícola de Santa Genebra, verdadeiro modelo de fazenda e que foi visitada durante 25 anos, admirada e exaltada por diplomatas, cientistas, militares, estadistas nacionais e estrangeiros.

Cortava-a a linha férrea Funilense. A propriedade tinha cerca de 2.500 hectares. Até 1850, imperava a cultura da cana. O barão desinteressou-se desta e passou a cultivar o café, usando — novidade para a época — adubos químicos.

A casa grande era majestosa, os colonos ganharam casas novas e as acomodações dos escravos, as melhores da região, e eram eles tratados com grande humanidade.

Tudo era perfeito em Santa Genebra.

Diz o autor do livro já citado que «o ambiente de Santa Genebra era requintado e, o que é mais importante, Campos Sales, tanto no governo paulista, como no da República, mandava os ilustres visitantes estrangeiros hospedarem-se na casa do barão.

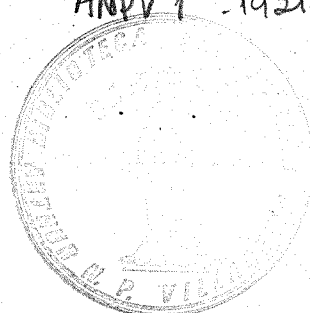
E afirmava: «O Barão Geraldo de Resende é o meu pára-raio para estes apertos. Ele embasbaca os visitantes com a farsa e encanta com o trato fidalgo que sabe dispensar-lhes». Ora, essas visitas e recepções custavam caro — e era o barão que as custeava. Jamais recebeu um auxílio dos cofres públicos, embora a serviço da propaganda do nosso País.

«Com isso e com os malefícios da crise, estava arruinado ao falecer, em 1907», prossegue o escritor.

A Estrada de Ferro Funilense foi um dos grandes comertimentos do barão, embora não tivesse sido idéia sua, e sim dos campineiros João Manoel de Almeida Barbosa, Francisco de Paula Camargo e José Sales Leme. Para levar-lhe avante a construção, juntaram-se-lhe José Paulino, Moraes Salles, João B. de Barros Aranha e Joaquim Teixeira de Almeida. A estrada iniciava-se em Campinas e ia até o bairro do Funil, hoje Cosmópolis, servindo a várias fazendas da região.

O Barão Geraldo de Resende também doou ao Instituto Econômico vários hectares de terra junto a Campinas, para ne-

BENEMERITOS DE CAMPINAS

BARÃO GERALDO DE REZENDE

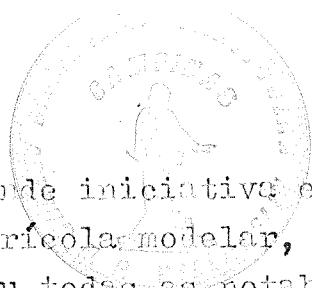
O Barão Geraldo de Rezende nasceu no Rio de Janeiro, a 19 de abril de 1847, filho do Conde de Valença e Condessa do mesmo título. Seu nome completo era: Geraldo Ribeiro de Souza Rezende. Depois de uma permanência em Paris, onde estudou, veio para o Brasil, vindo residir na Fazenda Sta. Genebra, que herdou, demonstrando logo acentuado pendor pelos melhoramentos e trabalhos agrícolas, tendo sido um lavrador de idéias adiantadas. Fixou residência em Santa Genebra em 1870. Foi o doador do terreno onde foi construído o Liceu N.S. Auxiliadora. Foi mesario da Sta. Casa, de 1891 a 1907, interessando-se, com amor, pelos negócios da instituição. Casou-se no Rio de Janeiro com d. Maria Amélia Barbosa de Oliveira, filha do cons. Albino José Barbosa de Oliveira e de d. Izabel Augusta de Souza Queiroz Barbosa de Oliveira. Com o seu espirito progressista, o Barão Geraldo transformou a Fazenda Sta. Genebra num local de atração para os visitantes ilustres de Campinas. Foi um dos líderes na fundação do Club da Lavoura, em 1878.

Entrou para a politica e em 1884 foi eleito presidente do diretório Conservador, posto em que se conservou até ao fim da monarquia. Foi eleito vereador e tomou posse em 7 de janeiro de 1883, servindo nesse posto até 1886, ano em que disputou a cadeira de deputado geral pelo 7º distrito de S. Paulo, vaga coo o falecimento do cons. Martim Francisco. Obteve 941 votos. Campos Sales, que concorreu pelo Partido Republicano, obteve 669 votos e Gavião Peixoto 229. Entrou para a Camara a 11 de agosto de 1886.

Com a queda da monarquia, com a qual manteve absoluta fidelidade, voltou para Campinas, entregando-se de corpo e alma á Santa Genebra, que se transformou numa fazenda-modelo, pela sua organização, maquinismos aperfeiçoados, etc.

O Barão Geraldo de Resende veio a falecer na sua fazenda-Sta. Genebra a 1º de outubro de 1907.

Handwritten signature or initials.



Graças à sua grande iniciativa e orientação prática, tornou-se a sua propriedade agrícola modelar, em razão do que o Barão Geraldo de Resende hospedou todas as notabilidades nacionais e estrangeiras que visitavam São Paulo e desejavam conhecer a sua famosa fazenda, dispensando a todos fidalgo acolhimento.

Era ainda o ilustre titular um cidadão grandemente humanitário e caritativo.

Foi um dos maiores benfeitores do antigo Liceu de Arte e Ofícios de Campinas, atual Nossa Senhora Auxiliadora, ao qual doou terras para as necessidades do estabelecimento, auxiliando-o ainda com elevadas quantias para a sua manutenção.

Participou da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia e muito favoreceu às instituições pias e religiosas desta cidade.

Foi um verdadeiro cavalheiro, na acepção mais lídima do termo; dotado de elevados sentimentos, inteligente e culto, recebia todos que o procuravam com uma atenciosa simplicidade e franqueza de trato, sendo por todas essas qualidades geralmente estimado e admirado em Campinas.

Faleceu o Barão Geraldo de Resende, repentinamente, na sua Fazenda Santa Genebra, no município de Campinas, no dia 18 de outubro de 1907, deixando descendência.

Era irmão do 2º Barão de Valença, do Barão de Resende, da Condessa de Cambolés e Marquesa de Palarm, casada com o titular francês desses nomes, do Barão de Novara e do Conselheiro Antônio de Resende.

O Barão de Geraldo de Resende portava a antiga fidalguia brasileira e usava um brasão de armas que lhe foi concedido pelo Governo Imperial a 27 de junho de 1870, registrado no Cartório de São Brésia, no Livro VI, fls. 108.

(Armsão de "Titulares do Império", de autoria de Teodoro de Souza Campos Júnior, de fls. 255 a 287, in "Monografia Histórica do Município de Campinas", edição de 1954, 1952.)



RUA BARÃO GERALDO DE RESENDE

GERALDO RIBEIRO DE SOUSA RESENDE, Barão de Iporanga, título êsse mudado para Barão de Geraldo de Resende.

Nasceu a 19 de abril de 1846, na cidade do Rio de Janeiro, sendo seus pais o Dr. Estevão Ribeiro de Resende, Marquês de Valença e sua mulher D. Ilídia Mafalda de Sousa Resende, Marquesa de Valença; neto paterno do Coronel Severino Ribeiro, natural de Lisboa e de D. Leonarda Maria de Sousa, natural de Portugal, digo, natural de Minas Gerais; neto materno do Brigadeiro Luís Antonio de Sousa, natural de Portugal, e de D. Genebra de Barros Leite, natural de Itu (Silva Leme, vol. 3º, pág. 393).

Ainda moço, transferiu residência para o município de Campinas, com o fim de se dedicar à agricultura na importante Fazenda Santa Genebra, antiga e tradicional propriedade que pertencera a seu pai e a seu avô materno.

Geraldo Ribeiro de Sousa Resende casou-se a 20 de junho de 1876, no Rio de Janeiro, com sua prima em segundo grau D. Maria Adélia Barbosa de Oliveira de Sousa Resende, Baronesa Geraldo de Resende, filha do Conselheiro Dr. Albino José Barbosa de Oliveira, que foi presidente do antigo Tribunal de Justiça da Côrte e proprietário da Fazenda Rio das Pedras, em Campinas, e de sua mulher D. Isabel Augusta de Sousa Queirós Barbosa de Oliveira (Silva Leme, vol. 3º, pág. 394).

Nasceu a Baronesa Geraldo de Resende a 10 de fevereiro de 1853, no Rio de Janeiro, e casou-se a 16 de julho de 1882, em Campinas.

Militou Geraldo de Resende no antigo Partido Conservador, do qual era um dos chefes em Campinas, sendo eleito vereador à Câmara Municipal, em 1883-86 e deputado geral, participando do Parlamento Nacional que precedeu à proclamação da República.

No desempenho de suas altas funções políticas revelou sempre espírito público e notável correção.

Foi diversas vezes honrado pelo Governo Imperial, nomeado Moço Fidalgo com exercício na Casa Imperial e Comendador do Imperial Ordem de Cristo.

Em reconhecimento aos relevantes serviços prestados pelo Comendador Geraldo Ribeiro de Sousa Resende, por decreto de 29 de junho de 1889, N.º 1.1. e Sr. Dom Pedro II agracou-o com o título de Barão de Iporanga, título êsse mudado, a seu pedido, por decreto de 19 de junho do mesmo ano, para Barão de Geraldo de Resende.

Proclamada a República, o Barão Geraldo de Resende retirou-se da política para se dedicar exclusivamente à sua vida de agricultor.

E na sua bela e importante Fazenda Santa Genebra, situada nas vizinhanças de Campinas, exerceu a nobre profissão com inteligência e critério, cultivando variados gêneros da lavoura.

na historia de Campi

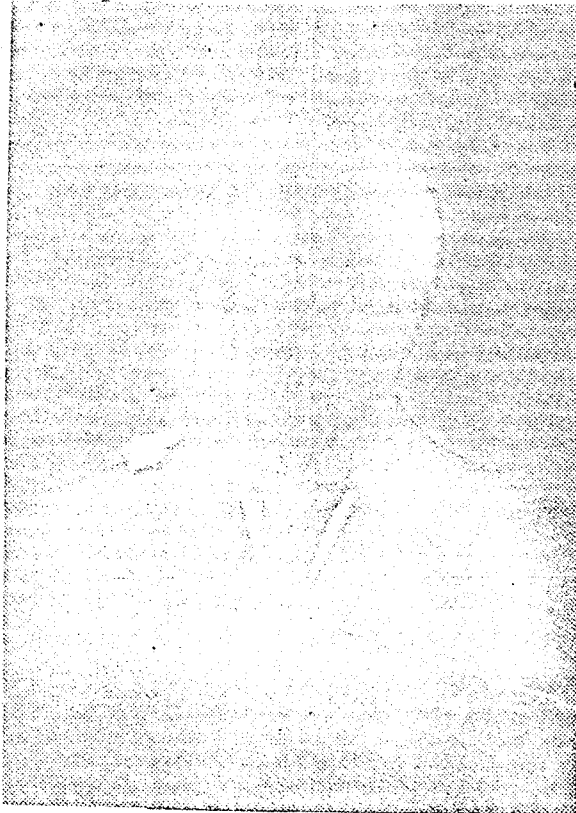
ANPVI 1921.11

transcorre hoje o centenario do nascimento do Barão Geraldo de Rezende — Uma existencia fecunda, inteiramente dedicada aos interesses da Patria — A compostura e a dignidade de um politico — “Santa Genebra”, a mais famosa propriedade agricola do seu tempo — Atuação na Camara dos Deputados — Doação de enorme area de terreno para a construção do Liceu N. S. Auxiliadora — Um leilão que constituiu uma afronta à lavoura e uma vergonha para o paiz — E’ nas horas de adversidade que os homens mostram o seu valor

A data de hoje, 19 de abril, assinala o centenario do nascimento de uma das mais nobres e sugestivas figuras que illustram o passado de Campinas, o Barão Geraldo de Rezende. O seu nome e a sua admiravel obra no campo social e politico vivem na lembrança e na admiração perene dos velhos campineiros servindo de exemplo a todos nós que pertencemos à geração atormentada dos tempos modernos. Recordar a figura e a ação do Barão Geraldo de Rezende significa para nós tarefa gratissima, por que assim procedendo estamos homenageando a memoria de um homem benemerito, digno merecedor do titulo de campineiro honorario pelo muito que realizou em beneficio desta grande cidade.

Nestes tempos agitados que estamos vivendo, quando contemplamos um mundo politico que nos envergonha e nos entristece, dominado pelas ambições desmedidas, pelas lutas facciosas, pela falta de pudor e de compostura dos homens eleitos pelo povo, uma existencia como a do Barão Geraldo, toda feita de sacrificios e merecimentos, dedicada aos ideais mais caros e ao mais profundo sentimento de amor à patria, se engrandece e se agiganta, tomando proporções de um verdadeiro simbolo. E a tristeza se sposa de nós, porque verificamos que homem dessa estirpe são rarissimos nos dias de hoje. Foi politico o Barão Geraldo, mas um politico na verdadeira expressão do termo. Fazia uma politica sã e nobre, visando os sagrados interesses da patria e o bem estar do seu povo. Não fez da politica, como a maioria dos nossos homens publicos de hoje, um motivo de interesse e vaidades pessoais. Sustentava com ardor e convicção as suas idéias mas tinha pelos seus adversarios o mais profundo respeito. Quando caiu a monarchia e foi fundada a familia Imperial, o Barão Geraldo deixou a arena politica, sem resentimentos ou odios pessoais e com o mesmo ardor patriótico se entregou ao cultivo da terra, fazendo da Fazenda Sta. Genebra uma das mais famosas propriedades agricolas do Brasil.

Monarquista, o Barão Geraldo tinha porem uma larga perspectiva de evolução politica. Admirava os seus condeitados pelo que eles ofereciam de inteligencia e amor à patria. Quanto ele não sofreu lutando contra todas as adversidades, contra a incompreensão e a displicencia do governo, mormente



Barão Geraldo de Rezende

nos ultimos anos de sua vida, quando veio a enorme dificuldade financeira arrastando a sua querida “Santa Genebra” que foi desfeita a golpe de martelo, em praça! Sim senhores! A Fazenda “Sta. Genebra”, a “sala de visitas” de Campinas, a fazenda modelo cujo nome era citado e proclamação até mesmo na Europa como um admiravel e progressista centro de trabalho, foi à praça, o que constituiu, na opinião de Coelho Neto, uma afronta à lavoura e uma vergonha para o paiz.

Mesmo por ocasião desse desastre tremendo, o Barão Geraldo não se desesperou e não se entregou ao desanimo. Aceitou a adversidade com uma resignação propria dos fortes sem acusar quem quer que seja. E’ nessas horas que os homens mostram o seu valor. “Será o que Deus quiser mas estarei até o fim no meu posto”, disse ele numa carta. Num ultimo esforço para salvar a “Santa Genebra”, ele oferece a sua fazenda para ser comprada pelo governo... Mas o governo não se interessou pela proposta. E a “Sta. Genebra” foi à praça. Felizmente, o Barão Geraldo não assistiu esse tremendo crime. Faleceu poucos dias antes, sozinho, na larga varanda da sua querida fazenda, com os olhos voltados para as flores do seu lindo jardim que se espalhavam radiantes, batidas pelo sol quente de

outubro.

Nasceu o Barão Geraldo de Rezende no Rio de Janeiro, 19 de abril de 1847, filho do Conde de Valença e condessa do mesmo titulo. Tinha por tanto uma origem nobre, a qual soube significar através de toda a sua existencia: Contraiu nupcias em 1876 com a exm. sra. d. Maria Amelia Barbosa de Oliveira, filha do conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira e de d. Isabel Augusta de Souza Queiroz Barbosa de Oliveira, dama de nobre estirpe.

Em 1870 o Barão Geraldo estabeleceu-se em Santa Genebra que por herança ja lhe pertencia em parte, tornando-se proprietario toda sua por morte de sua mãe. Era a Santa Genebra uma antiga fazenda de cana, semi-abandonada, com uma casa de pau a pique, terras cansadas e que diziam não ter valor nenhum. Mas a energia, a capacidade do Barão Geraldo transformou essa pobre fazenda em ruínas na famosa propriedade agricola que adquiriu, como já dissemos, fama até mesmo no estrangeiro, como um modelar mostruario de labor agricola onde se ensaiavam todos os processos da lavoura e se experimentavam todas as culturas e todos os instrumentos para o amanho da terra. Surgiram ali, nas terras da velha Fazenda, os cafezais verdes e que pareciam interminaveis. Maquinas modernas eram aproveitadas para beneficiar o café, debulhar o milho, esgargar as fibras e serrar as madeiras. E como viver sem flores? E junto à casa, toda reformada, surgiu um jardim maravilhoso, famoso pela incrível variedade de suas rosas, as famosas rosas de Sta. Genebra que hoje pertencem, pode-se dizer, à tradição de Campinas. Surgiram outras cousas, a estufa, a “casa das parasitas”, os pomares numa abundancia de frutas de causar pasmo, a piscina, as avenidas de bambús, os canaviais e mundo de cousas, como uma consequencia do trabalho intenso e infatigavel e do idealismo do Barão Geraldo. A casa senhorial recebia constantemente a visita das mais illustres personalidades, que ficavam encantadas com a hospedagem bem brasileira e nunca mais eram esquecidos os dias felizes em “Sta. Genebra”.

Eram constantes as visitas de professores com suas turmas de alunos, missões militares e diplomatas de toda parte. Dentre as visitas mais importantes, destacou-se a do Conde

D'Eu e a Princesa Imperial.

Por volta de 1.850 o Barão de Rezende entrou para a politica, imbuído apenas do nobre ideal de engrandecimento da patria. Foi primeiramente eleito presidente do directorio do Partido Conservador, posto em que se manteve até o fim da monarchia. Quando tomou vulto a idéa republicana, Campinas se tornou o grande reduto da nova idéa politica e mesmo nos dias de maior paixão, a figura austera e nobre do Barão Geraldo nunca deixou de ser respeitada pelos adversarios políticos. Foi amigo intimo e devotado de Campos Sales.

Em 1885 realizou-se em Campinas, que era então um centro essencialmente agricola, a Primeira Exposição Regional e em todos os ramos do certame destacou-se o nome do Barão Geraldo. Foi o doador da enorme area de terreno onde se acha localizado hoje o majestoso Liceu N. S. Auxiliadora.

Em 1886, governando a Nação o Partido Conservador, o nome do Barão Geraldo de Rezende foi lembrado para disputar a cadeira de deputado geral pelo 7.º Distrito de São Paulo, na vaga do conselheiro Martin Francisco. Eram candidatos tambem o dr. Manoel de Campos Sales, republicano e o conselheiro Bernardo Gavião Peixoto, liberal. A apuração de votos de todo o Distrito de Campinas era a séde, deu o seguinte resultado: Geraldo de Rezende, 941 votos; Campos Sales, 669; Gavião Peixoto, 229. Entrou para a Camara dos Deputados a 11 de agosto de 1.886 trabalhando em varias comissões e os projetos e emendas que apresentou foram sempre alusivas a questões de interesse pratico, a maioria relacionadas com a agricultura.

Era o Barão Geraldo pela abolição gradual da escravatura e analisava essa questão com muito equilibrio. Não foi um escravocrata, conquanto não pertencesse à facção daqueles que pugnavam pela abolição imediata e em massa. Em Santa Genebra, procedeu essa libertação gradual e o 13 de Maio quando surgiu não encontrou um só homem cativo na famosa propriedade, tendo ficado ali todos os antigos escravos, então homens livres e estando perfeitamente organizada a colonização estrangeira.

Permaneceu na Camara dos Deputados até a queda da monarchia, mantendo-se plenamente fiel ao imperador, com quem continuou mantendo carinhosa correspondência. Com o advento da era republicana, o Barão Geraldo voltou para a Santa Genebra, dela cuidando com o maior desvelo, colocando os seus sentimentos de bom brasileiro acima de todos os interesses politicos. Ao lado da grande lavoura de café da lavoura de menor monta de cana, tornou-se a Santa Genebra um verdadeiro mostruario de policultura, um riquissimo celeiro de toda a produção. E' a sua filha, a distinta e brilhante escritora d. Maria Amelia de Rezende Martins, que escreve: "A fazenda, foi um assombro de heroismo na mais difficil de todas as batalhas, a luta quotidiana, a luta de cada hora, num trabalho tenaz de educação, de construção, pôde-se dizer que pedra por pedra!

Assim foi Santa Genebra a obra de um só homem, de uma só capacidade, de uma direção unica! Obra titanica para aqueles dias como o seria ainda nos dias de hoje.

Nenhum campo foi cercado ou semeado sem a sua orientação, nenhum melhoramento executado sem a sua ordem, nenhuma arvore foi plantada sem a sua fiscalização imediata, nenhuma flôr ali desabrochou sem ter sido levada, a bem dizer, pelas suas mãos! Condenando o trabalho rotineiro, foi guarda avançada no progresso da lavoura. Não se limitava a censurar ou aconselhar... rodeado do prestigio da autoridade, não discursava... agia! e fez de Santa Genebra uma verdadeira escola de agricultura, um modelo para a pequena-lavoura, um centro promissor de industrias agricolas!

As grandes ideias, as medidas de progresso apregoadas no Parlamento por eminentes Estadistas, e que não passavam de palavras, já meu pai realizava com uma proficiencia que causava admiração aos seus contemporaneos.

E, com um valor tão grande, era de uma lhaneza de trato sem igual! dir-se-ia resumirse o seu lema, numa palavra: Servir!

Servia a parentes, a amigos, a colegas, a vizinhos, a desconhecidos, a necessitados... servia sempre e sempre servindo, individualmente, pelo exemplo, pela bolsa e pelo coração servia o seu Brasil".

ANPV 1 1921.12



Cam

VII

Barão Geraldo de Resende — 19/4/1847 — 1.º/10/1907

Uma filha culta e diletta, que resolveu testemunhar, de público, o caráter, os ideais e as obras de seu ilustre e preclaro pai, eternizou-o em livro.

Seu nome, Amélia de Resende Martins, filha do extraordinário campineiro Barão Geraldo de Resende, «outro astro fulgurante na imensa constelação» de vultos de Campinas. Perdome o lugar comum, mas os adjetivos aplicam-se perfeitamente ao ilustre fazendeiro e nobre. Nobre em tudo, no próprio título honorífico, no porte, nas atitudes, nos relevantes trabalhos feitos pela nossa agricultura, economia e até pelo governo da nação.

Dele nos dá, também, valioso testemunho, o escritor Pelágio Lobo, no livro várias vezes aqui citado (15):

E o escritor inicia, afirmando com entusiasmo:

«O nome do Barão Geraldo de Resende (Geraldo Ribeiro de Sousa Resende) e a sua benemerência como o maior, o mais fino, o mais completo propagandista da nossa cultura cafeeira e das excelentes qualidades das nossas terras, andam esquecidos, como tantas figuras nossas, dignas de acatamento e veneração».

Por isso é que resolvi escrever este livro: para chamar a atenção da geração atual e futura para os homens extraordinários que, mais do que ninguém, foram os responsáveis diretos pelo nome consagrado que aureolou Campinas no país e no estrangeiro.

E prossegue Pelágio Lobo:

«Acredito, mesmo, que, se numa reunião de grandes fazendeiros atuais, da casa dos quarentões, se indagar quem foi esse homem, o que fez, o que projetou, o que tentou realizar e o que

(15) — Pelágio Lobo — *Obra citada.*

consumiu numa luta extenuante de mais de cinquenta anos na sua fazenda Santa Genebra, pelo renome do nosso Estado e pelos encantos da cultura cafeeira — poucos estarão habilitados a prestar informações exatas ou, mesmo, aproximadas.

Era o Barão Geraldo de Resende, um fidalgo autêntico, fidalgo, de título, de educação de maneiras, de berço. Seu pai foi o Conde, depois Marquês de Valença, Estevão Ribeiro de Resende, um dos grandes do Império, homem de cultura, nascido em Minas Gerais, formado pela Universidade de Coimbra, magistrado em Portugal e depois no Brasil e que, tendo regressado ao nosso país, por ocasião da fuga da família real portuguesa, veio exercer a magistratura em São Paulo; depois de ocupar um posto de confiança de D. João VI num estabelecimento de lapidação de diamantes, contiguo à Casa da Moeda. Vindo a São Paulo, aqui se aproximou da família do Brigadeiro Luis Antônio e casou com uma de suas filhas, d. Elídia Mafalda, constituindo-se, por essa forma, centro de grandes e ilustres progêneses».

Volto a lembrar que o autor escreveu seus artigos na imprensa paulistana e campinense, entre 1944 e 61.

Prosseguindo nos informes do escritor:

«O filho Geraldo não se foinou, como o irmão Estevão, em Direito mas, como todos os seus irmãos, recebeu educação aprimorada e manteve alto os foros de nobreza de sua casa e educação, pela cultura e retidão de vida, inspirada por um sadio idealismo. Era, fisicamente, um belo exemplar humano — claro, bem composto, irrepreensivelmente trajado, já com as barbas e uns longos bigodes grisalhos, compondo-lhe uma figura de grande poder de sugestão pessoal. Poucos homens tenho conhecido com esse ar de «majestade» na figura, como que emanção natural, sem artificios, sem espaço. Tinha a voz doce e o olhar como que fatigado; pelo que se sabe de sua vida de tantas lutas, esse ar de maior recato em que se fechou nos últimos anos, era consequência da vividez e do desmoronamento que percebia crescente, mas incoercível, da sua fôituna, num período em que a crise do café chegou a extremos calamitosos.

Ele lutou de pé firme a «debaçle» e, mesmo pressentindo o seu termo, lutou como um bravo, procurando outras fontes de renda, na atividade agrícola, das quais pudesse colher elementos para escorar a queda da «preciosa rubiácea», ou, quando menos, atenuar ou retardar seus malefícios».



A história do Barão Geraldo de Resende é longa e fascinante, e por isso devo transcrever-lhe os dados mais interessantes e em rápidas pinceladas, como tenho feito com os demais personagens.

Destaco, na exuberante e produtiva vivência do barão, seus trabalhos relevantes para a melhoria da produção do café, em sua propriedade agrícola de Santa Genebra, verdadeiro modelo de fazenda e que foi visitada durante 25 anos, admirada e exaltada por diplomatas, cientistas, militares, estadistas nacionais e estrangeiros.

Cortava-a a linha férrea Funilense. A propriedade tinha cerca de 2.500 hectares. Até 1850, imperava a cultura da cana. O barão desinteressou-se desta e passou a cultivar o café, usando — novidade para a época — adubos químicos.

A casa grande era majestosa, os colonos ganharam casas novas e as acomodações dos escravos, as melhores da região, e eram eles tratados com grande humanidade.

Tudo era perfeito em Santa Genebra.

Diz o autor do livro já citado que «o ambiente de Santa Genebra era requintado e, o que é mais importante, Campos Sales, tanto no governo paulista, como no da República, mandava os ilustres visitantes estrangeiros hospedarem-se na casa do barão.

E afirmava: «O Barão Geraldo de Resende é o meu pára-raio para estes apertos. Ele embasbaca os visitantes com a fazenda e encanta com o trato fidalgo que sabe dispensar-lhes». Ora, essas visitas e recepções custavam caro — e era o barão que as custeava. Jamais recebeu um auxílio dos cofres públicos, embora a serviço da propagação do nosso País.

«Com isso e com os malefícios da crise, estava arruinado ao falecer, em 1907», prossegue o escritor.

A Estrada de Ferro Funilense foi um dos grandes comêntimentos do barão, embora não tivesse sido idéia sua, e sim dos campineiros João Manoel de Almeida Barbosa, Francisco de Paula Camargo e José Sales Leme. Para levar-lhe avante a construção, juntaram-se-lhe José Paulino, Moraes Salles, João B. de Barros Arunha e Joaquim Teixeira de Almeida. A estrada iniciava-se em Campinas e ia até o bairro do Funil, hoje Cosmópolis, servindo a várias fazendas da região.

O Barão Geraldo de Resende também doou ao Instituto Agrônomico vários hectares de terra junto a Campinas, para ne-

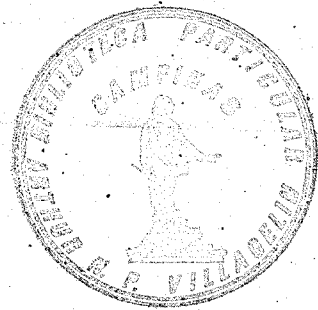
les se desenvolverem culturas de forragens, cereais, legumes e frutas. Foi o passo inicial das chamadas «granjas-modelo».

Ele libertou a maioria de seus escravos e iniciou a contratação de braços livres. Como a maioria dos grandes fazendeiros, também fez política, sendo deputado geral por São Paulo em duas legislaturas.

Lembro sempre, com emoção, a frase do jovem «revolucionário» Siqueira Campos, paulista de Rio Claro: «A Pátria tudo se deve dar e nada pedir, nem mesmo compreensão!» Pois a ilustre filha do Barão Geraldo de Resende, Amélia de Resende Martins, encerrou o livro biográfico do pai com as palavras do padre Antônio Vieira — o grande pensador e orador sacro — aplicadas ao barão com inteira justeza e justiça:

«Se servistes vossa pátria e ela vos foi ingrata — fizestes o que devíeis, e ela o que costuma...»

O nome do Barão Geraldo de Resende foi dado a uma rua no bairro de Botafogo, que principia na rua José Paulino, número 1.928 e termina na avenida Barão de Itapura, número 860. E há ainda o Sub-Distrito de Barão Geraldo, (na saída para Paulínia) em tão grande desenvolvimento, e já vem pleiteando desmembrar-se de Campinas, para se tornar município.



(Extraído do Livro
"Campinas - Sementeira de
Ideais" de Mário Pires,
Vol. 1, Edit. Letras da
Provincia, Limeira, SP,
1982)